

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## O XI CENTENÁRIO DA PRESÚRIA DE PORTUGALE POR VIMARA PERES.

CARDOSO, Mário

Ano: 1968 | Número: 78

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, O XI centenário da presúria de Portugale por Vimara Peres. *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 113-120.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# O XI Centenário da presúria de Portugale por Vimara Peres

Por MÁRIO CARDOZO

---

A presúria da cidade medieval de Portugale (=Porto) por Vimara Peres, magnate ao serviço de Afonso III de León, assinalada numa lacónica nota analística lançada na folha de guarda do códice do Mosteiro de Lorvão designado *Liber Testamentorum*, deu pretexto a uma brilhante comemoração patriótica promovida por iniciativa da Câmara Municipal do Porto, com solenidades que se revestiram de carácter nacional, inauguradas pelo Chefe do Estado no dia 18 de Junho do ano corrente.

No desenrolar do programa dessas festividades que abrangeram um período de 6 dias (18 a 23 de Junho) são de considerar no seu conjunto três aspectos ou modalidades de índole diversa, constituindo:

Solenidades de carácter oficial

Actividades de carácter cultural

Distracções de carácter recreativo ou turístico.

Nas solenidades oficiais ou protocolares incluiu-se a recepção do Chefe do Estado, que no dia 18 se deslocou propositadamente ao Porto, chegando à Estação de S. Bento pelas 17,30 horas, acompanhado pelos Ministros do Interior, da Justiça, Obras Públicas e Educação Nacional; depois, o *Te-Deum* que seguidamente teve lugar na Catedral portuense; e, à noite, a Sessão inaugural das Comemorações, no claustro

da mesma Sé, a que presidiu o Chefe do Estado, rodeado pelos quatro Ministros citados e pelas personalidades que ali usaram da palavra, que foram sucessivamente o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Nuno Pinheiro Torres, e os Professores Dr. Damião Peres, Luís de Pina e Sousa Soares.

Nas actividades de carácter cultural, destacou-se, em primeiro plano, a notável iniciativa da realização de um Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais, que teve 360 congressistas inscritos (número registado no Programa impresso, embora alguns não presentes, outros que não apresentaram trabalhos), entre os quais figuraram, além de numerosos historiadores portugueses (117) e espanhóis (164), outros estudiosos, convidados de honra, pertencentes a diversos países, como sejam Itália (30), Estados Unidos da América (13), França (20), Brasil (3), Canadá (3), Inglaterra (3), Alemanha Federal (2), Irlanda (1), Rússia (1), Bélgica (1), Bulgária (1) e Equador (1). Como se vê por estes números, a Espanha concorreu com um grupo de congressistas bastante superior ao dos portugueses; e, pela variedade dos pertencentes a outros países, mais poderia considerar-se este Congresso como uma reunião de carácter internacional, do que apenas luso-espanhola.

A sessão solene da abertura do Congresso (*Fig. 1*) teve lugar no dia 19, na chamada Casa do Infante Dom Henrique. Foi igualmente presidida pelo Chefe do Estado, tendo sentados à sua direita o Embaixador de Espanha, Dr. Ibañez Martín, o Ministro da Justiça, Prof. Dr. Almeida e Costa, o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Nuno Pinheiro Torres, e o Presidente do Congresso, Prof. Dr. Damião Peres; e à esquerda, os Ministros do Interior, Dr. Santos Júnior e da Educação Nacional, Prof. Dr. Galvão Teles, o Presidente da Comissão Organizadora das Comemorações, Prof. Dr. Luís de Pina, e o congressista Dr. Emilio Sáez Sánchez, Prof. da Cátedra de Estudos Medievais da Universidade de Barcelona, que usou da palavra em primeiro lugar, seguindo-se-lhe o Dr. Damião Peres.

Terminada a Sessão, foi inaugurada, em dependências da mesma Casa do Infante, uma Exposição de variados documentos de importância diplomática, pergaminhos e códices medievais, bem como bibliografia



*Fig. 1 — A sessão solene da abertura do Congresso, presidida pelo Chefe do Estado, na ocasião em que discursava o Prof. Dr. Emílio Sáez Sánchez, catedrático da Universidade de Barcelona.*

diversa relativa à mesma época histórica, espécimes pertencentes à Biblioteca Pública Municipal do Porto, que o seu director, Prof. Dr. António Cruz, ali organizou e dispôs.

Por volta do meio-dia foi feita a inauguração, com grande pompa e na presença de elementos oficiais e de muito povo, junto ao terreiro da Sé, da estátua equestre de Vimara Peres, (*Fig. 2*), obra do escultor Barata Feio, tendo o Chefe do Estado descerrado o seguinte dístico existente no pedestal:

VIMARA PERES

868-1968

O Presidente da Câmara Municipal pronunciou então algumas palavras alusivas àquele acto solene.

Ainda nesse mesmo dia, pelas 16,30 horas, tiveram início, no esplêndido Palácio da Bolsa, as sessões de trabalho, distribuídas por cinco Secções: *História Política e Militar*. Pres. Prof. Dr. António Cruz — *História Eclesiástica*. Pres. Dr. Sérgio da Silva Pinto — *Instituições e Cultura*. Pres. Prof. Dr. Emílio Sáez — *Aspectos económicos e sociais*. Pres. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Rau — *Arqueologia e Arte*. Pres. Dr. Domingos de Pinho Brandão, sessões que continuaram, de manhã e de tarde, durante os restantes dias do Congresso, sendo na noite de 22 realizada a Sessão de Encerramento, presidida pelo Governador Civil do Porto, em representação do Ministro da Educação Nacional, na qual usaram da palavra, o Presidente da Câmara Municipal, o Prof. Luís de Pina e o Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, um dos secretários gerais do Congresso.

Finalmente, nas diversões de carácter turístico e de amena distração, que em todos os Congressos é norma intercalar nas sessões de estudo, para descanso dos trabalhos dos congressistas, incluiu-se um Recital de bailados portugueses pelo Grupo «Verde Gaio», no Teatro de S. João, na noite de 20; visita a uma Casa de Vinho do Porto, em Vila Nova de Gaia, na tarde de 21, e à noite um Sarau musical na Igreja de S. Francisco. No dia 23 realizou-se a visita à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, sendo servido no imponente Salão Medieval desse edifício histórico um primoroso almoço volante. Pela tarde seguiram os congressistas para Guimarães, pela estrada que do Sameiro conduz às Caldas das Taipas, passando pela Citânia de Briteiros, cujas ruínas apreciaram. Em Guimarães foram recebidos no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento pela Direcção desta Colectividade e pela Câmara Municipal, ali representada pelo Vereador do pelouro da Cultura e Reitor do Liceu, Prof. Dr. Carvalho Conceição.

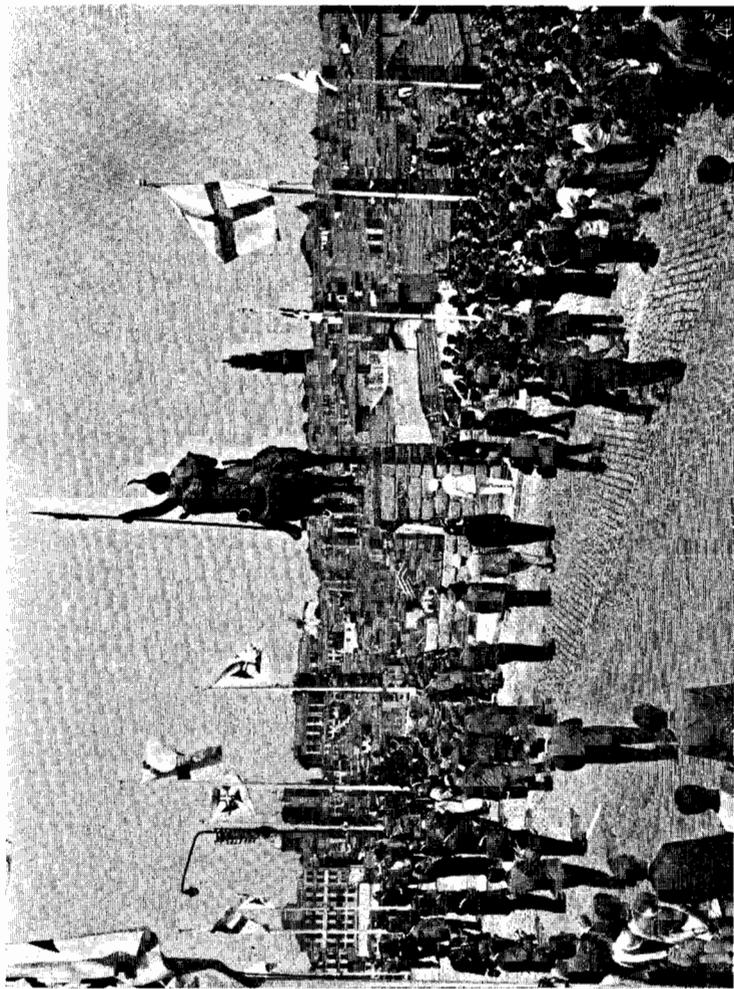


Fig. 2 — A inauguração da estátua equestre de VIMARA PERES, no momento em que o Chefe do Estado descerrava a legenda do pedestal.

O Presidente da Sociedade saudou os congressistas com as seguintes palavras:

Excelentíssimo e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Filaca e Auxiliar de Leiria, Dom Domingos de Pinho Brandão,

Senhor Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Guimarães,

Senhor Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, ilustre Secretário Geral do Congresso Luso-Espanhol de Estudos medievais,

Senhores Congressistas:

Nesta ocasião em que o Porto vem de comemorar, com grande brilho e exaltação patriótica, um facto notável da sua história ocorrido há onze séculos, qual foi o da presúria dessa invicta cidade — é digna de todo o aplauso a resolução dos organizadores dessas comemorações, facultando aos senhores participantes do Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais uma visita a esta cidade de Guimarães, terra antiga e sucessora moderna da «villa» de *Vimaranes*, ou «Terra de Vimara», a qual no começo do segundo quartel do século XII, integrada no aro do Condado Portucalense e sede do mesmo, lavrou, com o sangue dos barões e homens de armas do príncipe Afonso Henriques e com o esforço da humilde peonagem deste pequeno burgo, o autêntico «registo de baptismo da Nação Portuguesa».

Completam-se precisamente amanhã, dia de S. João, 840 anos desde que, num campo aqui bem perto, junto ao castelo mandado construir em meados do século X pela Condessa Mumadona, piedosa fundadora do Mosteiro vimaranense consagrado ao Salvador do Mundo e à Virgem Santa Maria, se feriu a batalha que havia de conduzir à libertação definitiva do Condado Portucalense, não da sua efémera ocupação pelos muçulmanos, mas da sua submissão total à Coroa leonesa. O dia de S. João do ano de 1128 é portanto, uma data heroica nos fastos da Nação Portuguesa, como terra independente e soberana, que nenhum português tem o direito de ignorar ou de esquecer. E esta data nunca pela cidade de Guimarães foi esquecida, pois o nosso Município a comemora anualmente na Capela de S. Miguel do Castelo, onde uma remota tradição nos diz ter sido baptizado o nosso primeiro Rei, aqui nascido, no palácio real a que alude um documento da época, mencionando uma doação feita pelo Conde D. Henrique a certos cavaleiros francos, que de terras de Borgonha o haviam acompanhado a Portugal.

Bem merecia, portanto, Guimarães que celebrássemos também nesta hora solene, com a devida grandiosidade cívica e nacio-

nal, a Festa comemorativa dessa vitória do Campo de S. Mamede. E então, teriam VV. Ex.<sup>as</sup> vindo aqui, não em rápida digressão turística após os trabalhos do Congresso ontem encerrado, mas sim, como verdadeiros peregrinos de uma romagem de devoção a este altar da Pátria portuguesa evocador de um glorioso passado.

«As pedras falam», disse há quarenta anos nesta sala um grande escritor português.

Irão VV. Ex.<sup>as</sup> ver, embora de relance, porque a escassez do tempo mais não permitirá, algumas dessas pedras que nos *falam* de Portugal através de Guimarães, pedras que os séculos queimaram e puiram, mas que o tempo ainda não conseguiu destruir.

Na colina que nós, os vimaranenses, consideramos «sagrada», havereis de parar uns momentos, contemplando o altanciro castelo de Mumadona, ampliado e fortalecido por alguns monarcas da 1.<sup>a</sup> Dinastia; junto dele heis-de ver a humilde capelinha românica da invocação de S. Miguel, como que procurando protecção à sombra dessas fortes muralhas queimadas pelo sol ardente dos estios e batidas pela fúria dos vendavais de milhares e milhares de invernos; ali perto, se erguem também as vetustas fachadas, de sóbria e severa arquitectura, do grandioso palácio ducal, monumento do século XIV, fundado pelo 1.<sup>o</sup> Duque de Guimarães, D. Afonso, e recentemente restaurado.

Merecem igualmente a honra de serem percorridos, mesmo que em rápida passagem, os dois museus desta cidade, onde se guardam preciosos vestígios da nossa remota história local:—O Museu desta Colectividade, com suas valiosas colecções de Arqueologia pré- e proto-histórica, fundado há 86 anos em honra do grande cientista, Doutor Francisco Martins Sarmento, internacionalmente conhecido pelas suas famosas escavações na Citânia de Briteiros; e o Museu de Arte religiosa designado com o nome de Alberto Sampaio, outro vimaranense ilustre, que pode colocar-se a par de Alexandre Herculano, e foi um dos maiores cultores da nossa história medieval, museu que encerra peças preciosas, muitas das quais procedentes do riquíssimo tesouro da extinta Colegiada vimaranense.

Tantos e tantos outros aspectos e testemunhos da nossa história poderiam ainda VV. Ex.<sup>as</sup> apreciar nesta cidade, tais como o interessante padrão gótico, comemorativo da vitória do Salado em 1340, reinando em Portugal Afonso IV, batalha em que as tropas portuguesas, aliadas às castelhanas de Afonso XI, se bateram bravamente contra os muçulmanos próximo de Tarifa; o Padrão de D. João I, de onde este rei caminhou descalço, em penitente romagem, até à Igreja da Oliveira, em cumprimento do voto consagrado à Virgem Santa Maria pela vitória das nossas armas em Aljubarrota, que era a vitória pela continuação da nossa

independência em perigo; o formoso claustro do século XIII, da nossa velha Colegiada; igrejas e conventos, casas e palacetes característicos, torres e muros, pracetas e ruelas tortuosas, tudo isso convida ao estudo, e é repleto de interesse e de ineditismo para o visitante desta velha pequena cidade do Norte do país.

Mas, infelizmente, a tarde corre fugidia e breve. Por isso, breves são também estas minhas descoloridas palavras, cuja finalidade principal foi apenas dirigir a VV. Ex.<sup>as</sup> cordiais saudações da Direcção desta Casa e a todos agradecer penhoradamente a vossa honrosa visita.

Correspondeu a esta saudação o Snr. Secretário Geral do Congresso, Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo de Filaca e Auxiliar de Leiria, que agradeceu a recepção prestada aos congressistas e fez um rasgado elogio da obra cultural desta Instituição vimaranense, salientando o excepcional valor do seu órgão científico, a «Revista de Guimarães», de larga projecção internacional, devido à indiscutível importância dos assuntos nela versados e à autoridade dos estudiosos consagrados que os subscrevem.

Após uma rápida visita às várias secções do Museu da Sociedade (Arqueologia — Arte — Etnografia), que despertou em todos o mais vivo interesse, dirigiram-se os congressistas ao Museu de Arte Sacra, de «Alberto Sampaio», e em seguida à parte monumental da cidade onde se situam o Castelo de S. Mamede e o Palácio dos Duques de Bragança, regressando depois ao Porto, onde, em despedida, lhes foi oferecida uma ceia regional, no bairro das Fontainhas, nessa noite popularmente animada com os tradicionais festejos a S. João, de tão curiosas características folclóricas.

Em suma, estas magníficas comemorações portuenses foram, em todos os seus pormenores, cuidadosamente organizadas e impecavelmente executadas, retirando naturalmente os estrangeiros para os seus países vivamente impressionados e gratamente penhorados pelas amabilidades e atenções de que foram alvo no nosso país.

Aguardemos agora a publicação das Actas e Memórias deste importantíssimo Congresso, através das quais verdadeiramente se poderá avaliar do valor dos trabalhos de investigação histórica que nele foram apresentados e discutidos.